

Discurso de ataque e ódio como arma: como se relacionam os discursos de Hitler e Bolsonaro durante parte suas trajetórias políticas¹

Amanda Mesquita ANDRADE²

Riverson RIOS³

Universidade Federal do Ceará

RESUMO

O presente artigo objetiva compreender como Adolf Hitler e Jair Bolsonaro usaram do discurso de ódio durante suas carreiras políticas até a chegada ao poder, além de comparar ambos os discursos, buscando as semelhanças entre estes, analisando também os cenários políticos nos quais se elegeram. A metodologia empregada consiste no estudo de livros, artigos e matérias jornalísticas que explorem o surgimento e a consolidação do nazismo e do bolsonarismo, além da exposição de falas proferidas pelo atual presidente do Brasil (2022) ao longo de seus 27 como parlamentar e durante sua campanha para a presidência. Os resultados mostram que as ondas nazistas e bolsonaristas possuem muito em comum, principalmente no que se refere ao discurso de ódio, o que pode significar uma ameaça à democracia brasileira, ainda que se tratem de ideologias advindas em momentos históricos diferentes entre si.

PALAVRAS-CHAVE: Nazismo, Bolsonarismo, Política, Discurso de ódio, Campanha eleitoral.

Introdução

Houve, desde a eleição do ex-presidente Donald Trump, em 2016, nos Estados Unidos, o crescimento do discurso inflamado no século XXI. Ataques a minorias, adversários políticos e conceitos vêm crescendo nos últimos anos. Palavras de ódio são deferidas sem pudor algum. Isso acontece, segundo o conceito de “Guerras Culturais” (JAMES HUNTER, 1991), pela necessidade de radicalizar o discurso, através da produção de conflito e estigmatização do “inimigo”, para obter vitória.

No Brasil, a ascensão do discurso de ódio ficou evidente durante o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2015, quando narrativas hostis e agitadas eram pautas de todas as conversas políticas. A partir daí, ocorreu a ressurreição do movimento conservador no Brasil, levando à eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, cujos apoiadores

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 1º. semestre do Curso de Jornalismo do ICA-UFC, email: amandamandrade03@gmail.com.

³ Orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo da UFC, e-mail: riverson@ufc.br.

podiam expressar, sem temor ou vergonha, palavras de ódio contra seus adversários ideológicos.

Discursos agressivos não são uma novidade no mundo da política e da dominação. O presente artigo analisa como o discurso do agora (2022) presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, se solidificou a partir do ataque a algumas pautas ao longo de sua carreira como parlamentar e durante sua campanha de disputa para presidência em 2018, em comparação com o discurso nazista de Hitler, que conquistou as massas alemãs, na década de 1930. Como, subitamente, o nazismo e o bolsonarismo conseguiram tanta força no cenário político que estavam inseridos? Em qual contexto surgiram esses ideais autoritários e discriminatórios? Quais eram os anseios e necessidades dessas pessoas, separadas por um século e unidas em torno dos discursos de ódio de suas figuras políticas prediletas? Como Bolsonaro e Hitler construíram suas carreiras políticas em cima de ataques a grupos minoritários e opositores? O bolsonarismo é uma atualização do nazismo?

A metodologia empregada consiste no estudo de livros, artigos e matérias jornalísticas que explorem o surgimento e a consolidação do nazismo e do bolsonarismo, além da exposição de falas proferidas pelo atual presidente do Brasil (2022) ao longo de seus 27 como parlamentar e durante sua campanha para a presidência.

Este trabalho está organizado de maneira a estudar, em primeiro momento, como o Nazismo surgiu na Alemanha e expor algumas das características do discurso hitleriano. Em seguida, traz-se a forma como o discurso de ódio é confundido com liberdade de expressão na sociedade política brasileira, em especial desde os protestos *pró-impeachment* contra a ex-presidente Dilma Rousseff. O próximo tópico mostra quem é Jair Messias Bolsonaro por meio de algumas de suas posições durante 27 anos de carreira na Câmara dos Deputados e expõe, com foco na sua imagem eleitoral de candidato à presidência em 2018, suas opiniões em que rebaixa ou discrimina certos grupos sociais, além de exemplificar alguns de seus discursos violentos, revelando que, se comparados, Jair Messias Bolsonaro e Adolf Hitler têm, além do autoritarismo e a tendência ditatorial, o discurso de ódio como parte de suas carreiras políticas.

1. O Surgimento do Nazismo na Alemanha

O Partido Nazista, primeiramente nomeado Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, surgiu num contexto de crise generalizada no território alemão. Recém-saída da Primeira Guerra Mundial como perdedora, a Alemanha enfrentava uma

crise humanitária e política, além de econômica. A dívida alemã era gigantesca e suas sanções diante da derrota da Guerra eram de caráter forte. O país vivia uma grande instabilidade política com a República Weimar e sobrevivia à base de investimentos estadunidenses.

Entretanto, com a Quebra da Bolsa de Valores em 1929, a Alemanha tem sua situação piorada, já que não contava mais com seu investidor para a recuperação da economia. O desemprego, a miséria generalizada, a alta na inflação, a frustração com a derrota na Primeira Guerra e a descrença com o governo vigente fez surgir na população a raiva, o medo, o sentimento de desamparo e a necessidade de mudança. O momento, então, era propício para o surgimento de uma nova frente de poder: o autoritarismo, embasado por discursos estridentes e destiladores de ódio.

(...) um período em que ela [a Alemanha] estava humilhada e desorganizada com a Primeira Guerra Mundial, pois, nesse período, a população desejava sair do fracasso econômico e do constrangimento. (ARAÚJO, 2019, p.26)

O Partido Nazista, que começa pequeno e insignificante no cenário político alemão, vai, aos poucos, conseguindo aliados com base no aproveitamento da raiva e da frustração dos cidadãos no que dizia respeito à situação e as tomadas de decisão do então governo. O partido, que era formado por militares, com ideários nacionalistas, antiliberal e anticomunista, contava com um excelente orador em sua composição: Adolf Hitler. Hitler foi um orador carismático e hipnótico, que, conforme foi chegando ao posto de líder, aperfeiçoou a propaganda nazista, de modo a prometer para as massas uma espécie de recuperação total do país. Hitler pregava a culpabilização da situação do país aos governos anteriores e aos judeus, incitando o ódio contra estes, além de discursar com bastante agressividade contra ideias comunistas ou raças diferentes da “raça ariana”.

1.1. Discurso de ódio nazista contra minorias do território alemão e aos adversários políticos

Os discursos de Hitler eram cheios de apelações, informações mentirosas e declarações raivosas, mas era enxuto de pudor. Uma espécie de “liberdade moral” permitia ao então líder do Partido Nazista disseminar palavras antissemitas, perseguir judeus e homossexuais, além de acusar constantemente adversários políticos de serem os causadores dos problemas da Alemanha.

A propaganda nazista, ainda que fosse publicamente liderada por Joseph Goebbles, Ministro da Propaganda, era comandada, de fato, pelo próprio Adolf Hitler⁴. Os comícios, as produções cinematográficas, o uso de bandeiras e símbolos para representar o partido constituía uma articulada rede que, conectada, tornava a propaganda nazista bastante eficaz ao que se propunha: conquistar o apoio das massas. Em seus discursos em cima de palanques e ouvidos por auto-falantes, Hitler prometia reformas que beneficiavam a população precarizada da Alemanha de 1930, embora utilizasse, na grande maioria das vezes, seu espaço propagandista para atacar adversários políticos e ideológicos. A exemplo do uso cinema como arma de ataque, tem-se o filme “O jovem Hitlerista Quex” (1933), de Hans Steinhoff, que traz um enredo tendencioso, no qual um jovem vai a um piquenique comunista e fica constrangido com a libertinagem do ambiente. O filme tem a função de mostrar os comunistas como alcoólatras, libertinos e de mau-caráter que zombavam e atacavam com violência os nazistas (PEROSA, 2009). Além de incitar mentiras em relação aos seus adversários políticos, o partido nazista também valia-se dos filmes para propagar discursos xenofóbicos e racistas.

Calcula-se que foram produzidos 1350 longas-metragens ao longo dos doze anos de domínio nazista. São comédias românticas, comédias musicais, operetas, filmes de costume, mas também filmes de guerra e exaltação de valores do regime, tais como racismo e a xenofobia. (LENHARO, 1986, p.53)

Os grandes alvos de Hitler eram os povos judeus, homossexuais, ciganos e comunistas, pois estes impediam a “purificação da raça ariana”, o que resultava na situação política e econômica caótica que a Alemanha vivenciava. Hitler acreditava, como conta no livro “Minha Luta”, que os alemães – ou a “raça ariana” – eram superiores, um exemplo de raça a ser seguida, o que resulta, durante as campanhas nazistas, em discursos acalorados de cunho xenofóbico e, durante seu governo, numa grande onda de extermínio.

Perante as questões de superioridade da raça ariana, Hitler menciona que sua descendência é a salvação e purificação de toda Alemanha. Ele ainda especifica que essa raça tem que ser purificada por ser superior às demais. Com isso, outras nações tidas como impuras são expulsas da Alemanha por não fazerem parte da comunidade escolhida por ele: os “arianos”. (ARAÚJO, 2019, p.26)

Hitler culpabilizava sistematicamente os judeus pelos problemas econômicos que viva a Alemanha e os considerava uma raça inferior. Para ele, os judeus, os comunistas e os poloneses precisavam ser extintos e, com base nessa premissa, foi brutal o nível do discurso

⁴ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2012/06/16/cultura/1339866035_965881.htm. Acesso: 08 jun. 2022.

de ódio, usado para persuadir a população a lutar contra esses grupos étnicos e juntar-se ao movimento de “purificação da Alemanha”. Utilizando publicações antisemitas e pró-nazismo como arma de ódio, o jornal antisemita *Der Stürmer* traz a caricatura intitulada “O Natal Alemão” (1932), onde os anjos do Natal têm suas mãos amarradas, enquanto judeus lucram com a venda de produtos de baixa qualidade, prejudicando os lucros dos comerciantes alemães, introduzindo no imaginário da audiência, a partir da representação dessa imagem, a ideia de que o povo judeu era incorreto e prejudicial à terra alemã.

Na Alemanha do século XX, tinha-se a ampliação de um discurso raivosos, xenofóbico e discriminatório por parte de Adolf Hitler, o grande orador carismático do Partido Nazista. Foi a partir de suas declarações autoritárias, culpabilizadoras e preconceituosas que a propagação dos discursos de ódio começou a ter mais força na sociedade alemã. Os cidadãos da “raça ariana” tomaram as falas de Hitler para si e fizeram de seu partido um dos mais votados em 1932⁵. A situação alemã da década de 1930 não se difere em grandes termos da onda de discursos de ódio que tomou conta do Brasil a partir de 2014. O modelo brasileiro, entretanto, se deu de forma diferente do alemão, onde os discursos vinham de Hitler para o povo, em primeiro lugar, de modo a incitar a população a aderir aos discursos radicalizantes. No Brasil, ainda que, por anos, a política tenha sido feita a partir de ataques a adversários, os discursos de ódio tomaram força quando começaram a emanar do povo, fazendo com que políticos de extrema-direita utilizassem da situação para canalizar toda raiva da população – que era direcionada, no contexto de 2015, principalmente para a ex-presidente Dilma Rousseff – e usá-la como arma de campanha.

2. Brasil: liberdade de expressão, discurso de ódio e cenário político para a ascensão do bolsonarismo

A “liberdade de expressão” se configura como um direito de todos os seres humanos, de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), que postula, no seu 19º artigo:

Todo o indivíduo tem direito a liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão. (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948)

⁵ Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/the-nazi-rise-to-power> Acesso: 10 jun. 2022.

No entanto, ao longo dos anos, o limiar entre a liberdade de expressão e a intolerância vem se estreitando cada vez mais nas declarações dos indivíduos. Situações nas quais pessoas, no exercício de sua liberdade de expressão, proferem discursos, acompanhados ou não de atos posteriores, pelos quais insultam e intimidam (...) certos segmentos sociais (CINTRA, 2012) podem ser configurados no âmbito do proferimento dos discursos de ódio, que são, em geral, destinados àqueles que não se enquadram no modelo conservador de “sujeito social nada abstrato: masculino, europeu, cristão, heterossexual, burguês e proprietário” (RIOS, 2008, p.82).

No Brasil, a liberdade de expressão é garantida pelo inciso IX do Artigo 5º da Constituição. No entanto, observando o cenário brasileiro, essa liberdade de expressão é constantemente confundida com a invasão de outros direitos que estão garantidos dentro da mesma Constituição que garante essa liberdade. Em entrevista ao Jornal da USP⁶, o jurista e professor de Direito Constitucional da Faculdade de Direito da USP, Conrado Hübner Mendes, explica que, ao usar da sua liberdade de expressão, é necessário estabelecer fronteiras, de modo que não haja a violação de outros direitos, como o da dignidade humana ou o da não discriminação. Além disso, o professor complementa, dizendo que “você não pode usar a liberdade de expressão para caluniar, injuriar, difamar (...); incitar prática de discriminação também é ilegal”.

Ainda assim, ataques discriminatórios são uma máxima no Brasil. Casos como a fala do pastor Silas Malafaia, em 2013, durante um protesto organizado contra o casamento gay são recorrentes nas rodas de conversas mais conservadoras:

Eles [os gays] nos chamam de fundamentalistas. Fundamentalistas porque defendemos a família, defendemos valores morais, somos contra as drogas. Sabe o que eles são? Os fundamentalistas do lixo moral! Escreve aí que o pastor Silas Malafaia chamou o ativismo gay de fundamentalismo do lixo moral.⁷

⁶ Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/liberdade-de-expressao-nao-pode-ser-usada-para-violar-direitos-fundamentais/#:~:text=Voc%C3%AA%20n%C3%A3o%20pode%20usar%20a,n%C3%A3o%20seja%20praticada%20de%20forma>. Acesso: 22 jun. 2022.

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/milhares-protestam-em-brasilia-contraborto-e-casamento-gay.html>. Acesso: 02 jun. 2022.

As falas de ataque no que tange à questão política do Brasil sempre foram acaloradas. Entretanto, durante os protestos de 2015 contra a então presidente Dilma Rousseff, as críticas tomaram proporções maiores. A frustração e a raiva de uma parcela da sociedade com a crise econômica e política, além dos desdobramentos da Operação Lava-Jato, culminou num grande número de pessoas indo às ruas, vestidas de verde e amarelo, com bandeiras do Brasil, pedindo o *impeachment* de Dilma (Figura 1). Em uma cobertura de um protesto na Avenida Paulista no dia 15 de março de 2015⁸, a Folha de São Paulo pergunta aos protestantes porque desejam o *impeachment*, e Wal Belosi, fotógrafa participante do protesto, responde que não haveria muita diferença ao tirar Dilma do poder, mas que a população – ou aqueles que eram pró-*impeachment* – “lavaria a alma tirando essa bandida do Governo.” Palavras de baixo calão foram utilizadas para a desmoralização da chefe de Estado, agredindo principalmente sua imagem como mulher. Adesivos associando Dilma a posições sexuais explícitas eram vistos diariamente em carros de opositores (Figura 2).

Figura 1 – Protesto a favor do processo de *impeachment* contra Dilma em 2015



Fonte: Carta Capital

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JBrkxiBpCVQ>. Acesso: 22 jun. 2022.

Figura 2 – Adesivo que desrespeitava a presidente era vendido e colado em bombas de carro



Fonte: Reprodução – Twitter

O principal alvo dos ataques era o partido o qual Dilma representava, o Partido dos Trabalhadores (PT). No mesmo protesto realizado em 2015⁹, um manifestante fala abertamente que “nosso foco sempre foi o PT”, fazendo, em seguida, declarações fortes a respeito do partido: “[O PT] é o partido que infiltra terrorista, é o partido que tá vinculado a PCC, é partido que tá vinculado a tudo de ruim que tem”.

Dentro desse contexto, surge a figura de Jair Bolsonaro, deputado há 27 anos, mas sem relevância nacional até então. Com falas autoritárias e direitistas, tendo destaque no palanque da Câmara dos Deputados desde 2016, o então deputado conseguiu unir em sua fala todos os pensamentos mais raivosos e frustrados da população, potencializando, durante seus 8 segundos de propaganda eleitoral na TV e suas movimentações nas redes sociais (era o candidato à presidência mais seguido nas redes sociais em 2018¹⁰) os discursos de ódio no Brasil.

3. Bolsonaro: quem é e o que representa no cenário brasileiro

Assim como a situação alemã, o Brasil também viveu um momento delicado e propício para o surgimento de uma corrente mais autoritária de poder. Após o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, junto aos desdobramentos da Operação Lava-Jato, houve a ressurreição do ideário mais arcaico da política brasileira: a construção da imagem do “homem de bem”, que leva consigo ideologias autoritárias e discriminatórias que fazem parte da construção política do Brasil. Dentro desse contexto, surge a figura de Jair Bolsonaro, político que tinha, até então, pouca relevância no cenário nacional, mas que,

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JBrkxiBpCVQ>. Acesso: 22 jun. 2022.

¹⁰ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/faltando-6-meses-para-eleicao-bolsonaro-lidera-seguidores-nas-redes-sociais/>. Acesso: 10 jun. 2022.

com seu discurso lascivo, conseguiu conquistar um número significativo de apoiadores, tendo sua imagem alavancada após o atentado a faca que sofreu em 6 de setembro de 2018, em Juiz de Fora, em um ato de campanha na cidade¹¹.

Durante seu mandato como deputado federal, Jair Bolsonaro se destaca mais pelo seu discurso de ódio do que com sua produção legislativa: teve, durante as quase três décadas como membro do Congresso Nacional, apenas dois projetos de lei aprovados, sendo um deles o uso da “pílula do câncer”, medicação que não tem eficácia comprovada contra a doença¹². Arredio a controversas argumentativas, buscava sempre a agressão verbal (PENNA, 2020). A postura e as ações do então parlamentar se davam mediante ao ataque, seja a adversários políticos, a minorias, a pautas progressistas ou à imprensa. Em um dos primeiros ataques à imprensa dentro da Assembleia Legislativa¹³, Bolsonaro declara ter uma “revolta contra a grande mídia”, que criticou a escolha feita por parte de alguns alunos de um colégio militar de Porto Alegre de eleger Hitler como personalidade admirada.

(...) quero deixar a patente minha revolta com a grande mídia, um tanto quanto servil, que criticou duramente o Colégio Militar de Porto Alegre apenas porque 9 entre 84 alunos resolveram eleger, entre o Conde Drácula, Hércules, Nostradamus, Rainha Catarina, Átila – só faltou FHC –, Hitler como personalidade histórica mais admirada. Se eles tivessem eleito FHC, logicamente estariam elegendo o pai do Governo mais corrupto da História do Brasil, porque ele não admite que nenhuma denúncia de corrupção seja apurada por esta Casa. Ele não é exemplo para a juventude. (BOLSONARO, Jair, 22 de janeiro de 1998)

A fala do então deputado traz, além de uma posição diferente de repulsa à imagem de Hitler – uma posição esperada para um político eleito democraticamente –, um ataque direto a um opositor, marca de toda sua trajetória política. Em um pronunciamento feito em 2011, na qual fala sobre a sua candidatura à presidência da câmara, Bolsonaro utiliza do seu tempo de fala para atacar o Partido dos Trabalhadores, em vez de conquistar votos através de argumentações sobre o motivo pelo qual deveria ser o presidente da Casa¹⁴.

(...) Devemos discutir aqui a questão do Bolsa Família. Devemos colocar um fim, uma transição para o Bolsa Família, porque, cada vez mais, pobres coitados, ignorantes, ao receberem bolsa família, tornam-se eleitores de cabresto do PT. Logicamente, levando-se em conta isso, não interessa ao PT fazer com que o povo tenha cultura, emprego, trabalho, porque vai perder esse curral eleitoral. Enquanto existir o Bolsa Família da forma como está aí, não teremos como renovar o Executivo. O PT jamais sairá de lá e acabará finalmente conseguindo o

¹¹ Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/campanha-presidente-jair-bolsonaro-presidencial/>. Acesso: 10 jun. 2022.

¹² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42231485>. Acesso: 31 mai. 2022.

¹³ Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD22JAN1998.pdf#page=45>. Acesso: 31 mai. 2022.

¹⁴ Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD02FEV2011.pdf#page=57>. Acesso: 31 mai. 2022.

que queriam em 1964, a ditadura do proletariado. (BOLSONARO, Jair, 01 de fevereiro de 2011)

Jair Bolsonaro também possui o hábito de proferir falas discriminatórias em seus discursos. Ataques à comunidade LGBTQIAP+ são corriqueiros, além do racismo presente em suas declarações. Em 2017, já no ritmo de campanha para a Presidência da República, profere frases de cunho racista durante discurso no Clube Hebraica¹⁵. No discurso, ele declara “já ter sido um quilombo”, além de dizer que “afrodescendentes não fazem nada, nem para procriar servem mais”, dizendo, por fim, que as comunidades quilombolas do Brasil estão “apenas dando despesa”.

Pode-se observar que as declarações dadas durante sua carreira como parlamentar surtiam efeito dentro do seu nicho de eleitores, já que ele conseguiu se manter no poder durante 27 anos, mas sem se destacar por algum grande feito nacionalmente. Entretanto, quando candidatou-se para a presidência, o ex-capitão do exército assumiu uma postura mais focada na necessidade do público brasileiro diante do cenário político caótico pós-impeachment: alguém que representasse a nova política, mas que se pautasse em valores antigos. Bolsonaro se colocou como um “homem de bem”, conservador, a favor da família, da moral e dos bons costumes. Tinha – e ainda tem – posturas extremamente críticas e violentas a respeito da construção da identidade de gênero, por exemplo, além de discursos contra outras minorias no país. Grande parte do enunciado bolsonarista pautava-se no ataque direto à figura do ex-presidente Lula e na onda anti-petista. O movimento auxiliou em grande parte a vitória bolsonarista nas eleições de 2018, proporcionando munição para mais discursos voltados à incitação do ódio popular contra o Partido dos Trabalhadores (PT).

3.1 Os ataques às minorias, discurso de agressividade contra adversários políticos e a comparação com o nazismo

A partir de uma análise crítica, pode-se perceber que, assim como Hitler, Bolsonaro, no decorrer da corrida eleitoral de 2018, era colocado como um político de linguajar simples, um ser “politicamente incorreto”, que espalhava *fake news* e tinha suas falas consideradas absurdas pelos jornais. Assim como visto na campanha política nazista, a onda bolsonarista conservadora atacava diariamente, tendo como porta-voz o próprio até então candidato à presidência, as ideias de cunho progressistas, além de violar direitos humanos

¹⁵ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica>. Acesso: 31 mai. 2022.

constantemente, insultando pessoas não-partidárias das mesmas concepções religiosas do grupo, ou que possuíam orientações sexuais diferentes da heterossexualidade. Em um artigo de opinião para o site El País, Oliver Stuenkel (2018) elenca alguns dos motivos que fizeram com que Hitler ganhasse o apoio de seus seguidores fiéis, que jamais o abandonaram. O trecho a seguir poderia ser facilmente utilizado para uma possível análise do comportamento do ex-parlamentar brasileiro:

(...) apesar de Hitler fazer declarações ultrajantes (...), muitos pensavam que ele só queria chocar as pessoas. Muitos alemães que tinham amigos gays ou judeus votaram em Hitler, confiantes de que ele nunca implementaria suas promessas. Simplista, inexperiente e muitas vezes tão esdrúxulo, que até mesmo seus concorrentes riam dele, Hitler poderia ser controlado por conselheiros mais experientes, ou ele logo deixaria a política. Afinal, ele precisava de partidos tradicionais para governar. (STUENKEL, 2018)

O agora presidente, que sempre fez apologia ao porte de armas e ao uso destas para fins diferentes de proteção, disse, em pronunciamento, querer usar destes meios contra seus adversários políticos. Em um programa na Bandeirantes, quando ainda era deputado federal, Bolsonaro defende o fuzilamento do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e a instalação de uma guerra civil no país¹⁶.

Através do voto, você não vai mudar nada neste país. Nada, absolutamente nada. Você só vai mudar, infelizmente, quando nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro. E fazendo um trabalho que o regime militar não fez. Matando 30 mil, e começando por FHC. (BOLSONARO, Jair, 1999)

Para os seguidores do atual presidente, a fala, que ocorreu há mais de 20 anos, pode ser deixada de lado no debate político atual, já que, naquela época, Bolsonaro, que hoje é um dos principais rivais do Partido dos Trabalhadores, apoiava a candidatura de Lula à presidência e, como diria o próprio presidente em um vídeo publicado em seu canal do YouTube¹⁷, “quem, 20 anos atrás, fazia a mesma coisa hoje?”. Entretanto, ainda que o pensamento favorável a Lula tenha sido modificado, Bolsonaro ainda traz consigo discursos a favor da violência, nos mesmos moldes do de 1999. Em uma entrevista para o Jornal Nacional¹⁸, em 2018, Bolsonaro afirma que “violência se resolve com violência” e que polícia brasileira “deveria era matar mais”, incitando à população à agressividade e ao ódio, da mesma forma como Hitler fazia com seus eleitores.

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WWOWsUiddhg&t=5s>. Acesso: 20 mai. 2022.

¹⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42231485>. Acesso: 20 mai. 2022.

¹⁸ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso: 20 mai. 2022.

Bolsonaro tem, desde seu tempo como parlamentar até sua atividade como candidato à presidência, declarações de cunho xenofóbico e racista. Ainda que não use a expressão “superioridade da raça brasileira” como Hitler fazia com os alemães no século XX, Bolsonaro faz piadas debochadas com a população negra, se diz contra as cotas como política pública para o alcance da equidade social, já que, para ele, “o negro não é melhor do que eu, e nem eu sou melhor do que o negro”. Na mesma entrevista em que fez essas declarações, no Programa Roda Viva¹⁹ em 2018, também afirmou que, no Brasil, não existe nenhuma dívida histórica com os afrodescendentes – mesmo que tenhamos vivido 500 anos de escravidão. Entretanto, ao contrário do que acontecia na Alemanha da década de 1930, onde o preconceito com o estrangeiro surgiu a partir das ideias hitlerianas, o racismo brasileiro faz parte de um sistema ideológico e cultural da sociedade (ALMEIDA, 2019) e, fazendo Bolsonaro parte do corpo social, suas ideias estão maculadas de informações pejorativas, ainda que espante o público que suas declarações racistas sejam proferidas abertamente nas mídias, sem toques de pudor.

Ataques às comunidades indígenas também são uma constante em sua carreira política. Tal como Hitler considerava os judeus como uma raça inferior à raça ariana, Bolsonaro já disse, em pronunciamento já como presidente em seu canal no YouTube²⁰, que os indígenas “são cada vez mais seres humanos como nós”, claramente rebaixando a etnia indígena.

À comunidade LGBTQIAP+, o agora presidente também exprime posicionamentos discriminatórios e misóginos, tal como o ex-ditador da Alemanha, o que não se mostra uma surpresa, já que este foi eleito em um cenário conservador, de um país patriarcal e homofóbico como o Brasil. A existência de um “kit gay” pauta suas declarações desde 2009²¹ e, em entrevista ao Canal TWTV²², em 2018, durante a campanha eleitoral, Bolsonaro diz, com bastante vigor na voz, que se considera homofóbico “para defender a família” e “com muito orgulho”. Em 2011, no decorrer de um discurso na Câmara dos Deputados²³, Bolsonaro expõe sua opinião sobre a comunidade LGBTQIAP+ enquanto falava sobre o Governo Federal “pregar o homossexualismo nas escolas”:

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IDL59dkeTi0>. Acesso: 20 mai. 2022.

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MfvEhmzmI9Q>. Acesso: 20 mai. 2022.

²¹ Disponível em: <https://exame.com/brasil/brasil-nao-pode-ser-pais-do-mundo-gay-temos-familias-diz-bolsonaro/>. Acesso: 20 mai. 2022.

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ACSxp9nNrnE/>. Acesso: 20 mai. 2022.

²³ Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD25NOV2011.pdf#page=184>. Acesso: 20 mai. 2022.

Mais ainda: reconhecer todas as configurações familiares – prestem atenção – protagonizadas por lésbicas, gays, bissexuais e travestis, com base na desconstrução da heteronormatividade, ou seja, um homem e uma mulher não é normal. O normal são dois homens, duas mulheres. (BOLSANARO, Jair, 24 de novembro de 2011)

Já em 2018, em entrevista²⁴ a um programa da Record TV, o então candidato parece, oportunamente, esquecer-se de todas suas opiniões discriminatórias durante seus quase trinta anos de carreira política, refutando, ao ser questionado sobre as críticas que vinha recebendo de grupos minoritários, onde haviam vídeos seus rebaixando ou criticando pessoas pretas.

Após a análise de alguns momentos bolsonaristas, observa-se que Bolsonaro e Hitler têm como ponto crucial de suas ascensões aos holofotes e à soberania o discurso de ódio contra um grupo oprimido ou adversários políticos. Esses discursos, que, por vezes, são desconsiderados devido ao seu despudor, além de incitarem o ódio na população, usam de seus sentimentos para conseguirem chegar ao poder, se configurando no campo da demagogia²⁵. Steven Levitsky (2018) diz que, com grande parte dos estudiosos considerando os demagogos como “só falastrões” e desprezando suas falas, “a ascensão inicial do demagogo tende a polarizar a sociedade, criando uma atmosfera de pânico, hostilidade e desconfiança mútua”(LEVITSKY, 2018, p.77), sendo essas as características principais das campanhas eleitorais de ambos.

Em seu livro “O Cabo, o Capitão e o Capital”, Lincoln de Abreu Penna (2020) cita que “Adolf Hitler e Jair Messias Bolsonaro a princípio não têm nada em comum, salvo uma trajetória política embalada pela intolerância” (PENNA, 2020. p.3). Entretanto, pode-se observar que ambos foram eleitos dentro de um mesmo contexto: descrença e frustração que emanavam da burguesia conservadora e refletiam nas massas. Aproveitando-se, então, da onda de raiva que pairava na sociedade alemã pós-guerra e na população brasileira pós-impeachment, Hitler e Bolsonaro, respectivamente, utilizaram de suas falas para incitar ainda mais a revolta do corpo social, amplificando os discursos de ódio já existentes dentro das culturas de tais países.

²⁴ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/05/politica/1538709789_434443.html. Acesso em: 20 mai. 2020.

²⁵ Discurso ou ação que visa manipular as paixões e os sentimentos do eleitorado para conquista fácil do poder político.

Conclusão

Este estudo objetivou explicar a maneira como as falas polêmicas de Jair Bolsonaro e as declarações infamadas de Adolf Hitler caracterizaram suas campanhas políticas. O artigo traz, em sua abordagem, a forma como ambos discursos se relacionam e em quais contextos precisaram estar inseridos para que ganhassem notoriedade. A pesquisa foi feita por meio de uma análise do contexto histórico em qual surgiu o Partido Nazista liderado por Hitler e como se configurou toda sua campanha em cima de produtos – sejam declarações em palanques, produções cinematográficas ou jornalísticas – de ataque a adversários, além de tratar seu discurso antissemita na Alemanha de 1930. Acrescido a isso, expõe-se algumas falas de Jair Bolsonaro como deputado e como candidato à presidência, além de uma fala pós-eleição, nas quais se demonstra a maneira como seu discurso se assemelha ao de Hitler, principalmente no que tange à hostilidade contra grupos políticos, étnicos ou sociais.

Observando detalhadamente, o artigo mostra como as falas de Bolsonaro e Hitler possuem as mesmas tendências à intolerância que foram base para suas carreiras políticas. Tal como Hitler surgiu na Alemanha num contexto de desamparo e frustração dos alemães no contexto pós-guerra e valeu-se da fragilidade dos cidadãos para consolidar pensamentos de ódio em suas mentalidades, a figura de Jair Bolsonaro ganha destaque em uma onda de discursos furiosos no Brasil, tal como mostrado na pesquisa.

Conclui-se, a partir da análise feita, que o político Jair Bolsonaro e o movimento intitulado a partir de seu sobrenome possuem semelhanças com o nazismo, mas não podem ser considerados como tal, uma vez que o nazismo é uma ideologia complexa, nascida dentro de um contexto histórico e um país específico. O modelo bolsonarista, no entanto, se dá mais como uma forma de fazer política conturbada, conservadora e de ataque. É válido ressaltar que, quando se candidatou à presidência, Bolsonaro estava se comprometendo a liderar um país democrático, dividido em três poderes, onde o voto decide os rumos da nação, um modelo diferente do empregado na Alemanha do século XX.

Por fim, faz-se necessário, dentro desse contexto, continuar a análise dos comportamentos bolsonaristas, relacionando-os com os de outros ditadores, em especial com os americanos, haja vista a proximidade territorial e de construção histórica em comparação com o Brasil. Para além disso, é preciso um maior aprofundamento nas questões dos discursos de ódio dentro da política e como estes podem ser prejudiciais à democracia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARAÚJO, J. M. **NAS FRONTEIRAS DA HISTÓRIA: Uma análise dos discursos de Hitler (1933 - 1934 – 1938)**. Orientadora: : Profª. Drª. Evandra Grigoletto. 2019. 131f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/36741/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Josefa%20Monteiro.pdf> / Acesso: 31/05/2022

Assembleia Geral da ONU. (1948). "**Declaração Universal dos Direitos Humanos**" (217 [III] A). Paris.

CINTRA, R. S. **Discurso do ódio sob uma teoria performativa da linguagem**. PUC-Rio, 2012. Monografia de conclusão de curso de bacharelado em Direito.

HITLER, A. *Mein Kampf*. Domínio Público: s/d [1925]

HUNTER, J. D. **Culture Wars: The Struggle To Define America**. Estados Unidos: Editora Basic Books, 1992.

LENHARO, A. **Nazismo: O Triunfo da Vontade**. São Paulo: Ática, 1986.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

O JOVEM HITLERISTA QUEX. Direção: Hans Steinhoff. Alemanha: UFA, 1933.

PENNA, L. A. **O cabo, o capitão e o capital**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.

PEROSA, E. J. (2009). **A Ascensão Nazista ao Poder: O N.S.D.A.P. e a sua Máquina de Propaganda (1919-1933)**. *Revista Urutágua*, (19), 72-83. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/revurut.v0i19.6853> / Acesso: 31/05/2022

PINTO, T. S. "**República de Weimar e a ascensão do nazismo**"; Brasil Escola.

RIOS, R. R.. **Direito da antidiscriminação: discriminação direta, discriminação indireta e ações afirmativas**. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2008.

STUENKEL, O. **Por que votamos em Hitler**. *Revista El País*. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/opinion/1538852257_174248.html. Acesso em: 31/05/2022

United States Holocaust Memorial Museum. **A subida dos nazistas ao poder**. Enciclopédia do Holocausto, 2019. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/the-nazi-rise-to-power>. Acesso: 30/05/2022